

M E B
MOVIMENTO
DE EDUCAÇÃO
DE BASE

DOCUMENTOS DE ESTUDO

Estes documentos apresentam temas de estudos, muitos deles ainda em fase de elaboração, necessitando discussão e aprofundamento, por isto, são de exclusivo uso interno do meb.
A equipe técnica nacional espera receber observações, críticas e sugestões que a ajudem neste trabalho.

DIÁLOGO DA IGREJA
COM O MUNDO MODERNO

Tristão de Athayde

Paulo VI declarou expressamente, na reabertura do Vaticano II, que o Concílio promoveria "o diálogo com o mundo moderno".

Por sua vez, na Carta Apostólica que o Cardeal Secretário de Estado escreveu à Semana Social de Caen, aparece por várias vezes a palavra diálogo como representando a posição da "verdadeira democracia": diálogo da opinião pública com os governos, através da "imprensa livre e leal"; diálogo no âmbito das empresas econômicas "sempre desejável e por vezes necessário", diálogo indispensável entre as associações e os grupos que formam o "movimento de socialização...característico do mundo moderno"; diálogo "que se impõe nas relações entre esses corpos intermediários e o Estado".

A "sã democracia", na base do "verdadeiro humanismo" é o regime social a que devemos aspirar e pelo qual temos de trabalhar incessantemente. Essa democracia, por sua vez, tem por instrumento principal - o Diálogo. A Igreja, por seu lado, se coloca expressamente pela palavra solene do Papa e do Concílio, em situação dialogante com o mundo moderno.

Diálogo se opõe a monólogo. Supõe liberdade e convivência pacífica: respeito recíproco; troca de idéias; possibilidade de convencer. É a negação do regime de força unilateral; da imposição de idéias; do autoritarismo seja político seja espiritual. Por muito tempo pareceu ser outra a posição da Igreja em face do mundo. Interpretando de modo literal a condenação do mundo pelo Cristo: como se mundo, no sentido evangélico, significasse toda a criação - colocavam a Igreja em face do mundo em posição de juiz em face de um réu. E de um réu irremediável e totalmente condenado. Era uma posição maniqueísta e não cristã.

E o jansenismo já fôra, desde o século XVII, condenado pela Igreja precisamente porque se prestava, pelo menos, ao equívoco de se confundir com o maniqueísmo.

A Encíclica Quanta Cura, de Pio IX e o Syllabus, de 1864 também foram interpretados nesse sentido, quando na verdade representavam apenas a condenação dos erres do mundo moderno e não de todo o mundo moderno. Entre êsses erros se destacava especialmente o liberalismo, que o "mundo moderno" do século XX também iria condenar. Tanto assim que os próprios defensores do liberalismo se apresentam, hoje em dia, como "neoliberais".

O fato, porém, é que depois das condenações da Quanta Cura e do Syllabus e da terminação abrupta do Concílio Vaticano I em 1870, - que firmou a eminência e singularidade da autoridade do Papa, na Igreja, inclusive sua infallibilidade em matéria de Fé - o mundo moderno se considerou totalmente condenado pela Igreja e, portanto, em estado de hostilidade, latente ou patente, contra ela. E considerou a Igreja como uma organização autocrática em formal contradição com o espírito democrático já então dominante no século XIX. A Encíclica Pascendi, de Pio X, em 1907, contra o Modernismo, agravou ainda mais o dissídio. A Igreja se apresentava para muitos, senão para a maioria, tanto fora como dentro dela, como sendo incompatível com os tempos novos. A razão principal da apostasia das massas e das elites intelectuais, de há um século a esta parte, principalmente, não é outra senão esta. Se posso falar de minha própria experiência e daqueles de minha geração de quem mais me aproximei no início deste nosso século, a opinião absolutamente dominante entre todos nós, estudantes universitários (sem Universidade constituída...) de 1910 a 1920, para só falar da década de minha própria experiência pessoal, era essa. A Igreja era uma instituição do passado, conservando imutável o espírito absolutista; fechada a toda renovação, incompatível com a Ciência, com o Progresso, com a Liberdade, com a Democracia; só falando para condenar, para negar e para ordenar, sob forma de monólogo e de determinações indiscutíveis e imperativas. Os fantasmas da Inquisição e do Santo Ofício se interpunham entre o castelo feudal eclesiástico, reminiscência anacrônica da Idade Média, no século XX, tal como a Igreja a nós se apresentava e a figura de Jesus Cristo de um lado e, de outro, o nosso mundo de jovens no início da existência. A apostasia era por assim dizer inevitável.

Há muito, porém, que já se procurava, no seio da Igreja, uma reação contra tudo o que pudesse justificar essa falsa visão. Foi de Leão XIII, como se sabe, que partiu a reação e a nova posição da Igreja em face da civilização moderna. O reconhecimento de que havia coisas novas nessa civilização, que não eram apenas erros a ser combatidos; o reconhecimento, sobretudo, de que a Igreja devia apresentar-se a êsse mundo não como Juiz formulando sentenças implacáveis, ou como algoz lançando anátemas implacáveis, mas como Mãe e Mestra, na fórmula admirável da grande Encíclica de João XXIII (1961) - partiu de 1891.

Mas só depois da Primeira Grande Guerra é que começou a processar-se essa verdadeira reviravolta na posição da Igreja em face do mundo moderno. Em vez do estado de guerra que durava praticamente durante todo o século XIX, entre a Igreja e o Mundo Moderno, começou a delinear-se desde então um estado de paz. Operava-se uma verdadeira revolução... invisível, daquelas únicas de que Péguy esperava a solução para os males do nosso tempo. A sangrenta e dolorosa experiência de 14 a 18 não seria estranha a essa mudança de atitude. Nova página se abria para a história milenar da Igreja em face da

civilização. Interrompida de modo particular pela Revolução Francesa e retomada no século XX sob um novo signo. Acontece que esse novo signo era realmente o próprio signo do cristianismo. Lembrava-o Bento XV no preâmbulo de sua Encíclica Pacem Dei Munus, de 23 de maio de 1920, que pode ser considerada como o prelúdio dessa nova era, em que estamos agora totalmente comprometidos depois das memoráveis formulações, Mater e a Magistra (1961) e da Pacem in Terris (1962) de João XXIII.

Eis como Bento XV iniciava, há 43 anos passados, sua Encíclica, que vinha coroar os ingentes esforços que esse Papa sacrificado e mal julgado fizera durante o tremendo conflito para lhe pôr um fim honroso.

"A Paz, grande dom de Deus, o mais grato, "o mais desejável e o melhor entre todas as coisas mortais" (De Civ. Dei, 19,12), segundo Santo Agostinho; a paz... começou finalmente a brilhar sobre os povos... (mas) nenhuma paz pode ter consistência, nem vigorar aliança alguma... se ao mesmo tempo não se adormecem os ódios e as inimizades, mediante uma reconciliação fundada sobre a mútua caridade".

Essa reconciliação, dizia o augusto pontífice, diz respeito - "a cada um em particular, no dever de praticar a caridade, queremos que se estenda também aqueles povos que passaram pela guerra", sem excluir nenhum. E acenava, de então, para essa "comunidade mundial", que viria a ser a nota tônica das grandes Encíclicas de João XXIII.

"Terminada já agora a guerra, vai-se delineando, não só por caridade, mas por certa exigência da realidade, como que uma sobriedade universal dos povos, inclinados naturalmente a unir-se entre si, tanto por indigência comum como por mútua benevolência, dados o grande progresso da civilização e a grande facilidade de comunicação tão admiravelmente multiplicados".

Essa Encíclica ia assim abrir um novo capítulo na história das relações da Igreja com o mundo moderno, na base do espírito de pacificação e de reconciliação, não só dos povos entre si mas da própria Igreja em face da civilização. Já não se tratava de uma civilização como a medieval do Ocidente europeu, formada e unificada nos princípios do cristianismo e cercada por uma periferia de bárbaros pagãos. Desde o Renascimento introduzira-se o pluralismo no âmago da própria civilização cristã ocidental, ao passo que o cristianismo se lançara na sua irradiação missionária, infiltrando-se no meio daquela periferia pagã, e cristianizando povos inteiros não mais pelas armas, como pretendiam as Cruzadas, mas pelas almas.

No meio dessa civilização pluralista é que a Igreja, durante o século XIX e início do século XX, se colocou ou antes foi colocada em estado de hostilidade latente e de isolamento irreconciliável. Com Leão XII começou um novo rumo, baseado no apelo à Justiça, como base de uma sociedade nova criada pela revolução industrial inglesa, pela revolução política francesa e pela revolução colonial americana. Com Bento XV a idéia de Paz e de comunidade universal de nações, independente de regimes políticos e econômicos, foi lançada como elemento básico da civilização moderna à luz do que está no âmago da mensagem de Cristo.

Com Pio XI a organização da Ação Católica "fora e acima dos partidos políticos", vinha consagrar os métodos missionários e de impregnação pacífica, como os únicos realmente de acordo com o espírito do cristianismo. A Igreja retirava o seu apoio à organização de "Partidos Católicos" precisamente pa-

ra mostrar a sua isenção política e a sua função eminentemente espiritual .

Tanto Pio XII como João XXIII e o atual Paulo VI nos poucos meses do seu pontificado vêm insistindo na Justiça Social, na Paz, na Ação missionária e apostólica, e portanto na presença da Igreja no mundo como fermento e não como policimento, - em suma, numa tomada de posição dialogante e democrática e não monologante ou ditatorial, como sendo o meio mais puro e mais intrinsecamente cristão de realizar a sua missão perene de pregadora e realizadora do Reino de Deus.

Essa abertura ao diálogo, que data, portanto, de Bento XV, mas que se tornou particularmente expressa com João XXIII e Paulo VI, vem colocar a Igreja no mundo de 1963 em posição absolutamente diversa de sua posição em 1863. Não que ela mudasse em nada em sua essência. Será sempre a mesma até a consumação dos séculos, como quando da mensagem de Cristo. Variou, porém, com os acontecimentos históricos, o seu modo de apresentar essa mensagem e de entrar em contato com esse mundo, de que ela não é um produto e dentro do qual atua menos como uma instituição que como um mistério, como um fermento e, acima de tudo, como uma presença. Essa presença provoca naturalmente o diálogo. E quais serão os grandes temas dessa conversa transcendental, em que todos nos vemos empenhados, como cidadãos dessas duas cidades, como dizia Santo Agostinho, que pela própria palavra de Cristo foram feitas para viverem em paz e não para se digladiarem como rivais incompatíveis? Quais são os pontos de atrito ou de contato entre elas? Quais os caminhos que para uns são bifurcantes e portanto inconciliáveis com o espírito de cordialidade e de harmonia entre a Igreja e o mundo moderno? Em suma, por que co incidem nesse ponto, cristãos integristas e anticristãos integristas, uns e outros proclamando a irreconciliabilidade entre o cristianismo e os tempos modernos e, portanto, a impossibilidade do diálogo entre a Igreja e o Mundo?

Alguns pontos nevrálgicos podem ser indicados: a Ciência, a Técnica, a Cultura, a explosão demográfica, a explosão psíquica, a nova moralidade, o domínio das massas, a emancipação das elites, a irreducibilidade das classes, dominantes ou conquistadoras, o sincretismo religioso, o imperialismo comunista.

Esses onze temas estão longe de esgotar os inúmeros pontos de contato, de atrito ou de dissidência entre a Igreja e o Mundo Moderno, que irão alimentar o diálogo que o aggiornamento proclamado por João XXIII tornou de tão providencial atualidade.

CIÊNCIA

Por muito tempo foi esta a pedra no caminho das relações da Igreja com o mundo moderno. Três filósofos representativos do pensamento do século XIX, deslocaram o trinitarismo do plano religioso para o plano filosófico e da posição de coexistência para a de sucessão; Hegel, Comte e Marx.

O primeiro procurou substituir a trindade teológica pela sucessividade metafísica da Tese, da Antítese e da Síntese. O segundo passou a esquema do pensamento abstrato para o pensamento concreto formulando a famosa lei dos três estados - o teológico, o metafísico e o positivo, correspondendo esse último, em sua sistemática, à substituição definitiva da religião e da filosofia pela ciência. Finalmente, Marx transformou a lei dos três estados em lei das três classes que, historicamente, se substituíram - a nobreza, a burguesia e o proletariado.

Essas posições correspondiam a uma atitude naturalista, na qual o tempo assumia uma posição de medida de todos os valores e a atitude científica vinha opor-se à filosófica e à religiosa como única em condições de fornecer conclusões apodíticas. Em idêntica posição se colocou outro pensador de grande influência no século XIX, especialmente no tocante ao problema religioso., Ernest Renan, que no seu L'Avenir de la Science (1855), também partiu dessa confiança dogmática no conhecimento científico.

Ao aproximar-se o fim do século, outra atitude de reação a essa fé na ciência se delineou, a partir de algumas obras célebres, como particularmente o De la Contingence des Lois de la Nature (1888) de Émile Boutroux e da posição de pensadores não cristãos como Lachelier, Bergson, Henri Poincaré, Encken. Essa reação se traduzia, no início do século XX, por uma posição anticientífica nos meios católicos, representada pelo famoso La Faillite de la Science, de Brunetière, como, aliás, durante o próprio século XX, pelo desenvolvimento de uma filosofia anti-hegeliana e antinaturalista, que tomou o nome de existencialismo e que contou, nesse século, com a revelação de uma figura estranha como Kierkegaard, que só no século XX, em consequência da reação anticientificista, veio a projetar-se.

O equilíbrio entre as duas posições opostas, a do dogmatismo científicista e a do dogmatismo anticientífico se processou, nos meios católicos, com a renovação do tomismo por Leão XIII e pelo Cardeal Mercier e pela colocação do problema da sucessividade das atitudes, substituído pela sua coincidência, tão bem colocada por Max Scheler, ao mostrar a concomitância das três atitudes: a religiosa, a metafísica e a científica. E ao apresentar, como uma lei fundamental, Wesensgesetz do universo a famosa sentença: "Cada espírito finito ou crê em Deus ou crê num ídolo" (Von Ewigen in Menschen, 1923, pág. 281).

Hoje só mesmo quem desconhece totalmente o pensamento oficial da Igreja sobre a Ciência e as riquezas indefinidas dos Degrés du Savoir (Jacques-Maritain), em que ciência, filosofia e religião harmoniosamente se articulam, sem que nenhuma invada legitimamente o domínio da outra, pode participar do primarismo de opor Ciência e Fé. Mas, como o primarismo sempre renasce e o mundo moderno está impregnado dele e mesmo os não primários encontram novos requintes de pensamento para reavivar a velha chama da incompatibilidade, o grande diálogo em torno das relações entre Ciência e Fé ocupará sempre um lugar de destaque na arena do círculo e nas preocupações missionárias da Igreja, tanto nas selvas como nas Universidades.

TÉCNICA

Outro ponto de encontro e de desencontro para diálogos fecundos da Igreja com o mundo moderno é o problema da técnica.

Nessa Carta Apostólica a que aludimos, - e que contém uma das expressões mais atuais do pensamento oficial da Igreja, encontramos sentenças como estas: "A Tecnocracia é o perigo que ameaça a sociedade de hoje e de amanhã, mas "os cristãos, com efeito, pelo seu sentido dos valores humanos, são os mais aptos a enquadrar a técnica na medida do homem".

A humanização da técnica é, portanto, uma das grandes tarefas do cristão no mundo moderno, como a humanização da ciência. Assim como esta representa o mais perfeito exercício da inteligência humana, no domínio que lhe é próprio assim também a técnica no seu domínio. A primeira no sentido especulativo,

pois a ciência visa conhecer o universo; a segunda, no sentido prático, pois a técnica visa explorar o universo. São, portanto, valores essencialmente bons, atitudes absolutamente legítimas. Só se perturbam e desgastam quando se hipertrofiam e pretendem negar a legitimidade de outros valores, tão autônomos em seu próprio terreno, como eles o são nos que lhe competem por natureza. O cientificismo é uma negação da ciência por hipertrofia e imperialismo. A tecnocracia é uma negação da técnica, também por transbordamento. Para o absolutismo tecnocrático, só há uma medida de valor - a eficiência. De modo que o bem ou o mal representam apenas consequências mecânicas da utilidade. Se o nazismo tivesse tido êxito, o antissemitismo seria justificável...

São consequências monstruosas como esta, que tornam o absolutismo tecnocrático ilegítimo. Mas como a técnica é um valor excelente em si e suas conquistas são não só irreversíveis, como características do mundo moderno mas constituem elementos preciosos para a tarefa de universalização da civilização e da aproximação entre os homens e as nações - a Igreja louva e favorece todo progresso técnico e justifica amplamente toda tarefa tecnológica. Tem, porém, sua palavra a dizer no sentido de enquadrar a atividade técnica dentro da harmonia total dos valores humanos, e por isso mesmo constitui a técnica outro dos campos, amplamente abertos a um fecundo diálogo da Igreja com o mundo moderno.

CULTURA

Outro terreno privilegiado para êsse diálogo é o da cultura.

A cultura se baseia na paz, no estudo, na meditação, na objetividade científica, no debate de idéias, na troca de experiências, na honestidade da pesquisa, na humildade do espírito, na convivência profunda do homem com o universo, do homem com os outros homens e do homem consigo mesmo.

Por isso mesmo a Igreja sempre foi uma propugnadora da cultura. Fundou o sistema universitário, como fundou escolas primárias e médias e profissionais, considerando que a lei da perfectibilidade é a lei mais fundamental do desenvolvimento humano e que, portanto, a instrução e a educação representam atividades absolutamente fundamentais, para que a natureza humana realize as suas virtualidades essenciais. A cultura sempre foi, desde os tempos apostólicos, uma preocupação fundamental da Igreja. E até hoje ela procura, em todos os sentidos - a cultura física, intelectual, moral e espiritual, na sua integralidade harmoniosa.

Os tempos modernos também fazem da cultura um dos elementos fundamentais de sua civilização. Mesmo que partamos da interpretação histórica de que os tempos modernos se desenvolveram na base de uma completa autonomia ou independência ou mesmo hostilidade em face da Igreja, ninguém nega que a finalidade cultural é um dos temas indefectíveis da civilização contemporânea. Esta se preocupa, antes de tudo, em disseminar escolas, em democratizar a educação, em elevar culturalmente as massas, em permitir às elites intelectuais uma preparação cultural cada vez mais profunda, extensa e elevada.

Há, pois, uma coincidência radical entre a atitude da Igreja em face da cultura e a do mundo moderno.

Há, no entanto, considerável diferenciação no modo de encarar os valores

culturais. Toda cultura aceita e exaltada pela Igreja é de natureza teocêntrica. Toda cultura tipicamente moderna em sentido de sua absoluta dissociação da cultura patrocinada pela Igreja, é geocêntrica e antropocêntrica.

Há, portanto, uma radical diferença entre as últimas razões da cultura, tal como o mundo moderno a concebe e a integração total da cultura como a Igreja a compreende.

Não há, entretanto, nenhuma incompatibilidade essencial no mundo de se realizar a tarefa cultural e em inúmeras tarefas ligadas ao fenômeno da formação cultural. Nos mesmos bancos onde se cultivam as ciências naturais e as ciências humanas, onde se estuda a sério e onde se cultiva o espírito, os homens sem Fé e os homens de Fé se sentam lado a lado e debatem juntos os problemas da formação do homem e dos seus conhecimentos do universo, em termos da mais absoluta e perfeita convivência.

Nenhum terreno, portanto, mais apropriado para um diálogo entre a concepção teocêntrica da cultura e a sua concepção antropocêntrica de que o próprio terreno neutro das instituições culturais, as escolas, as universidades, as academias, os grupos literários, artísticos, científicos, na base do respeito recíproco e da liberdade de colóquio.

No plano da cultura, como, no da ciência e da técnica a posição da Igreja não é de tolher a liberdade de cultura. Pelo contrário. É de impedir que a cultura seja limitada, unilateralmente ou deformada. Onde haja liberdade cultural aí estará sempre presente o pensamento da Igreja para procurar alargar os campos de cultura e contra tudo o que pretende diminuir ou deformá-los. Não há, portanto, terreno mais próprio a um encontro da Igreja com o mundo moderno do que o terreno cultural. Só o fanatismo é inimigo da cultura. E o fanatismo é a negação da Fé, embora tantos ainda confundam um com outra, dentro ou fora da Igreja, na ilusão de defendê-la, encarcerando-a, ou de atacá-la, difamando-a.

EXPLOÇÃO DEMOGRÁFICA

Este é, sem dúvida, um dos terrenos mais difíceis do debate entre o mundo moderno e a Igreja. Mesmo porque o debate já começa a travar-se também dentro da própria Igreja. E sabemos que a Igreja verdadeira não é um bloco monolítico em que o crê ou cala funciona ditatorialmente, mas um corpo misterioso e harmonioso em que autoridade e liberdade se harmonizam na base de uma proporcionalidade que é a própria marca da verdade e do bem.

Graças ao progresso da higiene e do bem-estar, na civilização contemporânea tem aumentado de muito a média da vida humana (que é de 30 anos na Índia e de 70 nos Estados Unidos...) com o decréscimo correspondente da mortalidade infantil e o aumento da natalidade, a despeito da extensão crescente do anticoncepcionismo, que marca, ao longo de toda a história, a decadência de uma classe ou mesmo de uma civilização, como no fim da Grécia.

Ora, esses fatores, por vezes contraditórios, produziram, no mundo moderno, esse fenômeno que os demografistas e sociólogos vêm amplamente estudando da "exploração demográfica". O que Malthus previra no século XVIII vem se realizando de modo acelerado e os pessimistas prevêem um momento em que a terra não será capaz de fornecer alimentos para uma superpopulação catastrófica.

Ora, a Igreja sempre se manteve fiel às leis naturais, em todos os sentidos.

A força de sua sobrenaturalidade se baseia, tanto na revelação divina ou nas conseqüências teocêntricas do seu pensamento filosófico, como no respeito mais rigoroso ao funcionamento e à observação das leis naturais. A Igreja é naturalmente anti-artificial. Todo artifício é anti-cristão por natureza, quando transborda do puro terreno da livre imaginação artística. De modo que sempre aprovou e louvou a propagação da vida, pelo matrimônio e, dentro dêle, a fecundidade.

Ora, o mundo moderno, - levado acima de tudo por uma concepção pragmática da coexistência humana, procura responder aos graves problemas - inclusive bélicos - que a superpopulação provoca, com remédios simples. E o mais simples de todos é a restrição artificial dos nascimentos, o birth-control. Dizia André Sigfried, há mais de vinte anos, que para abordar os Estados Unidos era preciso levar em uma das mãos uma Bíblia e na outra um tratado de birth-control... O problema, desde então, se universalizou. Já não se trata de um fenômeno de good life burguesa ou de saturação e decadência por capilaridade social (as altas classes se suicidando biologicamente) - mas de um problema de vida e morte para nações inteiras e de consciência para inúmeras pessoas, dentro e fora da Igreja.

Em face da gravidade do problema, a atitude populacionista da Igreja ou dos intérpretes do seu pensamento tem procurado considerar o problema mais a fundo e sob tôdas as suas faces e chegado a conclusões mais racionais que instintivas ou imediatistas. E do mesmo modo que a justificação do parto sem dor foi uma das grandes surpresas com que Pio XII enriqueceu a doutrina tradicional da Igreja, nesse terreno, a concepção racional e moral do âmbito da família na base de uma interpretação qualitativa e não apenas quantitativa e biológica da transmissão da vida, está sendo objeto da maior consideração entre teólogos e moralistas. Pois tais problemas são tratados, na Igreja, não à luz das oportunidades ou das tendências de momento, mas à luz de princípios perenes, que não excluem as circunstâncias históricas e o ensinamento da experiência, mas não cedem jamais à tentação das soluções simples e oportunistas. E haverá, provavelmente, novas surpresas nesse terreno.

Tudo isso mostra como a aparente incompatibilidade entre a solução pragmática do problema da "explosão demográfica" pelo mundo moderno, através da vulgarização e universalização do birth-control e o pensamento tradicional e rigoroso da Igreja em contrário, pode encontrar um terreno comum de colóquio. E é mesmo esse um dos pontos em que o diálogo se torna mais urgente e aliás já se vem processando de modo crescente.

EXPLOSÃO PSÍQUICA

É menos aparente mas não menos típica dos tempos modernos a explosão psíquica do que a demográfica. À medida que a psicologia moderna lançou, no sentido da profundidade infraconsciente, as sondas que os filósofos lançaram no sentido da espiritualidade supraconsciente, foi crescendo no âmago do ser humano uma faculdade de dinamismo explosivo, que tende a romper tôdas as barreiras. O homem moderno tende ao super-homem. Tende a cultivar em si as forças de transbordamento e de irradiação imperativa que dinamizam de modo perigoso sua vontade, sua sensibilidade, sua racionalidade e acima de tudo sua sensualidade. Bergson dizia que a civilização moderna era essencialmente afrodisíaca. Realmente, a êsse conjunto de forças interiores desencadeadas pela explosão do subconsciente vem somar-se uma excitação crescente vinda do mundo exterior. De um lado e de outro o homem moderno é solicitado a

se super-humanizar, a se expandir, a transbordar em todos os sentidos, até mesmo no sentido divino. Basta assistir a uma sessão espírita ou de alguma "assembléia de Deus", para tocarmos de perto essa explosão psíquica, no próprio terreno do divino. Quanto mais no plano material ou social."

Ora, a Igreja é essencialmente mediadora. Ela procura arrancar do homem todas as possibilidades infinitas de sua natureza, tanto em direção a Deus, pela Fé, como em direção ao próximo, pela caridade, ou em direção a si mesmo, pela vida interior. Trata-se, também, de uma explosão psíquica em todas as direções. E por isso mesmo que a Igreja sempre considerou o homem como feito "à imagem de Deus" e capaz de um dinamismo infinito, é que sempre procurou colocar entre o homem e Deus os mediadores necessários. Um engenheiro diria - os transformadores de alta tensão divina para a baixa tensão humana... Os santos, a Virgem Santíssima e acima de tudo Jesus Cristo, o mediador por excelência, são os degraus, por assim dizer, de nossa explosão psíquica em direção a Deus.

Como a própria Igreja, o Corpo Místico de Cristo, é a nossa mediadora em direção à vida temporal e histórica, à vida social, no sentido também de ordenar a nossa explosão psíquica no sentido horizontal.

Tanto a Igreja, portanto, como o mundo moderno consideram o problema da explosão psíquica, embora de modo diferente. Tanto ela como ele, porém, partem da verificação de que o homem é um ser explosivo capaz de coisas infinitas. A divergência que já, entre uma e outro, no sentido de interpretar ou de encaminhar essa explosão psíquica, é outro dos terrenos urgentes e imperiosos para um longo debate dialogado entre a Igreja e o mundo moderno.

A NOVA MORALIDADE

Os novos conceitos de moralidade nascidos e cultivados no mundo contemporâneo são uma consequência inevitável dessa explosão psíquica e desse antropocentrismo ou sociocentrismo que os tempos modernos tanto têm estimulado. Desde que se faz da moral uma consequência apenas das ciências naturais, ou dos instintos pessoais estabelece-se o choque com uma concepção objetiva, impessoal (relativamente) e transcendental da vida e do dever.

Nem por isso há incompatibilidade alguma insolúvel entre a nova moralidade, ou antes, as novas moralidades (pois o pluralismo moral é uma consequência fatal desse relativismo ético absoluto) e a concepção ética da Igreja, por mais profunda que seja a oposição entre uma e outra. Pode-se mesmo dizer que ocorre no mundo moderno com a moral qualquer coisa de semelhante ao que ocorre com a ciência ou com a técnica. Longe de haver uma diminuição do moralismo, há, pelo contrário, um super-moralismo. Como há um supercientismo ou um supertennicismo.

Arrancando à moral as raízes sobrenaturais e absolutas que a Igreja lhe confere, sem prejuízo de sua flexibilidade no terreno da concretização individual das circunstâncias - o mundo moderno não diminui nem elimina as exigências éticas, Pelo contrário, reforça-as, partindo apenas de bases diferentes. Pode-se mesmo dizer que, em todas as sociedades e civilizações, a Moral em si cresce em proporção inversa à Religião. À medida que diminui o impacto do valor religioso, cresce o do valor ético. O moralismo, longe de ser um apêndice da Fé, torna-se-lhe um substitutivo. Ou pretende sê-lo. É de Max Scheler, como já lembramos, a famosa sentença de que quem não cre

em Deus crê nos ídolos. A Moral em si é um dêles: o imperativo categórico ... O puritanismo ético é geralmente uma consequência da irreligiosidade. Nenhum regime é mais moralizador do que o do ateísmo comunista...

Essa hipertrofia ética, portanto, é um fenômeno análogo ao da hipertrofia científica ou técnica. E como a Igreja, embora contestando esse absolutismo ético - que é consequência paradoxal do relativismo moral - faz dos valores morais e da sua atuação na vida individual e social, um fator decisivo de sua filosofia da vida, mais um motivo para que dialoguem a Igreja e o mundo moderno para encontrarem um terreno comum e, pelo menos, delinearem claramente suas idiossincrasias recíprocas.

DOMÍNIO DAS MASSAS

A exiguidade de espaço exige uma condensação crescente dos temas. A civilização moderna é uma civilização de massas. A Igreja, por seu lado, longe de ser um esoterismo religioso é um exoterismo, é um apostolado, uma pregação às massas. Longe de se dirigir apenas aos happy few, de cultura ou da fortuna, se dirige aos homens comuns, como se dirige ao homem excepcional. E é, acima de tudo, a Casa dos Pobres, a Casa dos Simples, a Casa das Crianças.

A diferença que existe entre a concepção de massas do mundo moderno, ou de certo mundo moderno, e a concepção católica das massas, é a mesma, ainda aqui, dos que anteriormente apontamos. Há uma hipertrofia do valor das massas em certas interpretações sociológicas ou em certas organizações políticas do coletivismo contemporâneo. Essa hipertrofia é uma distrofia que o pensamento proporcionalista da Igreja não aceita. Mas, ao mesmo tempo, ela considera a "ascensão das massas", como o disse expressamente João XXIII na *Pacem in Terris*, como um dos elementos mais típicos do mundo moderno. E longe de o combater, ela o exalta. E nisto apenas leva em conta aquela famosa distinção entre povo e massa, de uma das luminosas Mensagens de Natal de Pio XII. Povo é a massa que não anula a personalidade. Massa é o povo que não respeita os direitos intangíveis da pessoa individual.

Há, portanto, um grande terreno comum e problemas profundos a ser debatidos nesse plano da importância crescente das massas no mundo moderno que exige a troca de idéias dêste com a Igreja.

A EMANCIPAÇÃO DAS ELITES

O mundo moderno não representa apenas uma civilização quantitativa, em que o peso das massas predomine. É também uma civilização qualitativa que procura levar a cultura às massas, para delas escolher e nelas estimular a formação de elementos de elite, na técnica, na política, na cultura, na ciência, na arte sob tôdas as formas, socialistas ou capitalistas, desenvolvidas ou subdesenvolvidas, ocidentais ou orientais, sob as quais se apresenta a civilização moderna, o problema da formação das elites se apresenta.

Por seu lado, toda civilização de tipo cristão se baseia também no aspecto

qualitativo e hierárquico. Não uma qualidade incompatível com a quantidade, ou uma hierarquia baseada no privilégio, mas um qualitativismo e uma hierarquia em que os valores intelectuais, morais, espirituais tendem sempre a predominar sobre os valores puramente físicos ou sociais.

O problema das elites, portanto, é tanto um problema capital para o mundo moderno, como o é para a Igreja. Mais um motivo para que dialoguem a respeito.

A IRREDUTIBILIDADE DAS CLASSES DOMINANTES OU CONQUISTADORAS

É esse um dos problemas imediatos e candentes do mundo moderno. Nêle se chocam, dentro e fora da Igreja, concepções diversas. A cristalização do conceito de classe, dentro da Igreja, é um dos motivos da dificuldade em fazer penetrar a sua doutrina social entre os próprios fiéis. Estes tendem a confundir, freqüentemente, seus interesses de classes com suas convicções religiosas. Quando o Império caiu, entre nós, quantos monarquistas julgaram que a Igreja também iria por água abaixo, pois colocavam no mesmo plano (diríamos hoje no mesmo avião) o trono e o altar... O mesmo está ocorrendo hoje com os que ligam os destinos da Burguesia ou da Propriedade latifundiária ao do Cristianismo.

Por seu lado, certos setores do mundo moderno hipertrofiam o conceito de classe, antes de o eliminarem, numa utópica sociedade futura, e fazem do proletariado a classe redentora. E assaltam os castelos feudais da Burguesia com o mesmo ímpeto destruidor com que esta, século e meio atrás, atacou os castelos da nobreza. No fundo fazem o mesmo, êsses inimigos da Igreja, que os fiéis obcecados pelos seus interesses de classe e de fortuna e que consideram o Capitalismo como sendo um dogma de Fé...

Terreno belicoso, como se vê, e muito mais explosivo do que qualquer outro dos que acima apontamos, pois é o próprio terreno onde, modernamente, se trava a batalha decisiva entre uma civilização burguesa decadente e uma civilização proletária fanatizada.

Terreno controverso e difícil e por isso mesmo o mais necessitado daquela cabeça fria e que se referem os práticos do materialismo dialético ou daquela boa vontade, para que apelas os homens de Deus, como o Papa João XXIII de tão santa e atualíssima memória. E não é à toa que em torno dessa figura singularíssima de "dolce Cristo in terra" se reuniram os homens de todos os quadrantes, dentro e fora da Igreja, pois falou a linguagem do amor, que é a única que pode ser entendida por todos os homens de boa vontade, com Fé ou sem ela.

Mais do que em nenhum outro, êste terreno das relações entre classes está pedindo o diálogo entre a Igreja e o mundo moderno.

SINCRETISMO RELIGIOSO

O mundo moderno, longe de ser um mundo arreligioso sofre também nesse terreno o mesmo mal da hipertrofia. Longe de vivermos uma era racionalista, como no século XVIII, vivemos uma era passionalista. E a religião é sempre o terreno ideal do florescimento das paixões, tanto às paixões positivas, do-

mo as paixões negativas. Os mistérios e os mitos proliferam no mundo moderno como num caldo ideal de cultura. O próprio ateísmo contemporâneo é uma religião dos sem-Deus.

Trata-se, pois, de um problema em que a Igreja tem uma palavra especialmente autorizada a dizer. Pois, embora refugando todo sincretismo religioso, por ser a religião do discernimento entre a Verdade e o erro, respeita todos os cultos e considera mesmo todos os mitos, como dizia Chesterton, "uma procura da verdade", "mythology is search".

Mais uma vez nos defrontamos, no terreno religioso do mundo moderno, como fenômeno de superfecundação e não de esterilidade. O debate a respeito, da Igreja com o mundo moderno, só poderá ser proveitoso para ambos os lados.

O IMPERIALISMO COMUNISTA

É esse o problema mais candente e explosivo, entre todos os que se colocam no caminho da Igreja no mundo atual. Limitemo-nos a transcrever, para terminar, o que disse João XXIII, no final da *Pacem in Terris*, ao tratar das relações, entre católicos e não católicos, no campo econômico-social-político.

"Não se deverá jamais confundir o erro com a pessoa que erra, embora se trate de erro ou inadequado conhecimento em matéria religiosa ou moral". Como quem diz - quanto mais em matéria econômico-social-política. E prossegue:

"Cumpra não identificar falsas idéias filosóficas sobre a natureza, a origem e o fim do universo e do homem com movimentos históricos de finalidade econômica, social, cultural ou política, embora tais movimentos encontrem nessas idéias filosóficas a sua origem e inspiração... De resto, quem ousará negar que, nesses movimentos, na medida em que concordam com as normas da reta razão e interpretam as justas aspirações humanas, não possa haver elementos positivos dignos de aprovação? Pode, por conseguinte, acontecer que encontros de ordem prática, considerados até agora como inúteis para ambos os lados, sejam hoje ou possam vir a ser amanhã verdadeiramente frutuosos" (*Pacem in Terris*, ns.158-159).

Mesmo, portanto, em seus extremos mais radicais, diz-nos a palavra oficial da Igreja Universal, é útil o diálogo entre a Igreja e o mundo moderno.

É o que pretende fazer o Concílio, como no-lo diz Paulo VI e será um dos maiores objetivos do seu pontificado que ora gloriosamente se inicia.